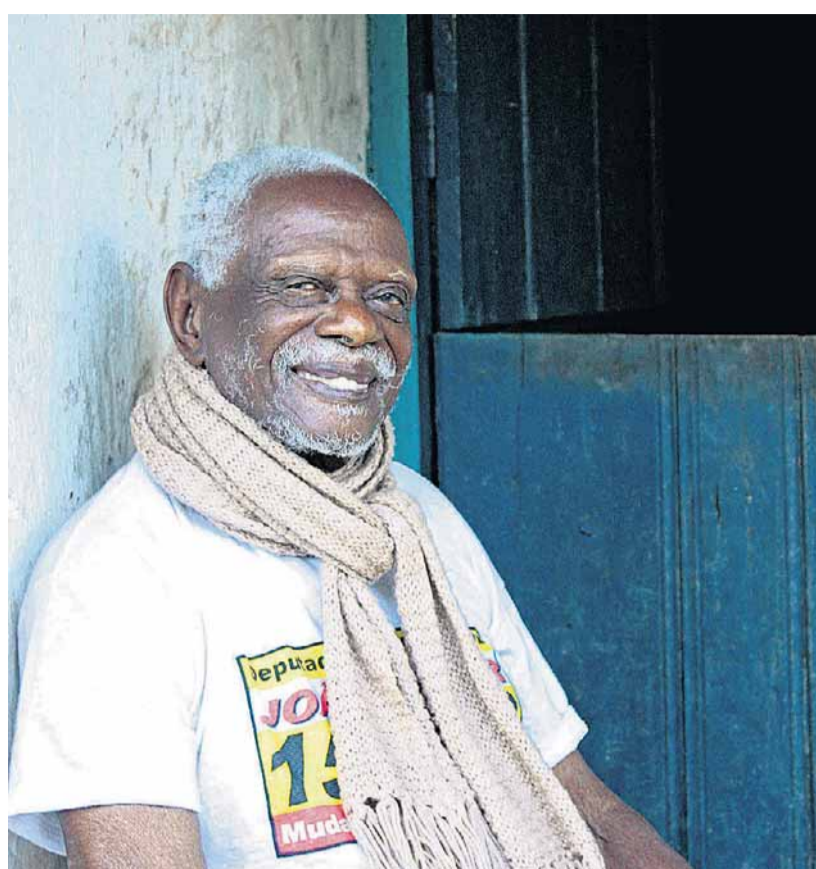


★ Líder da maior rebelião de escravos da história do Vale do Paraíba fluminense, em 1838, Manuel Congo tem um pequeno memorial em Vassouras, que fica no largo onde foi enforcado

★ Mariana Crioula foi líder rebelde do mesmo levante. Por ser escrava de estimação de uma aristocrata, Francisca Xavier, foi inocentada e escapou da morte – mas não do cativeiro



Tanta história. Em sentido horário: sede da Fazenda do Paraíso, onde não são permitidas fotos internas (à esq.); Manoel Seabra; lavatório do século 19 em plena atividade; atrizes vestidas a caráter para sarau na Fazenda Florença; e quarto da Fazenda União



Ponto de encontro. Praça e igreja de Vassouras

Uma vila apaixonante ao som da seresta

CONSERVATÓRIA

Quando até as casas têm, no lugar de números, placas com nomes de músicas – só coisa fina, *Chão de Estrelas* (1937), *Saudosa Maloca* (1951), *Luar de Paquetá* (1922) –, que inclusive os carteiros usam para entregar a correspondência, não há como restar dúvida: o título que Conservatória dá a si mesma de capital mundial da seresta deve ter lá algum fundo de verdade.

A graciosa vila de 4 mil habitantes surgiu no mapa primeiro como uma aldeia dos índios araris. Hoje transformada em distrito do município de Valença, ganhou os contornos atuais no século 19. Preserva o casario colonial de então no centrinho e transpira carisma, mérito dos seresteiros que se apresentam nas ruas nos fins de semana. A tradição, dizem, teria começado com tropeiros.

Cresceu e ficou tão importante que virou tema de museu, o da Seresta e da Serenata (Rua Oswaldo Fonseca, 99; gratuito), com acervo de fotos, letras de músicas e objetos que lembram ídolos da música popular romântica. O projeto Em Toda Casa Uma Canção, que colocou placas com nomes de músicas nas residências, é um prolongamento do museu.

O comércio entra na onda. Shows de samba e choro da melhor qualidade são frequentes em restaurantes como o Sabor da Terra (Rua Luís de Almeida Pinto, 131). A cafeteria Tom Maior (no número 13), com decoração histórica e musical, serve nos fins de tarde um lanche fresquinho com jeito de casa de vó. Aceitei a sugestão do dia, deliciosa broa de milho recém-assada com uma fatia de queijo branco. Para acompanhar, café – o melhor da viagem. /M.N.

* **Cenário:** Mônica Nobrega

Entre o jongo e a tradição, quilombo se mantém ativo

No terreiro quase vazio naquela tarde morna e luminosa do segundo domingo de junho, apenas três animadas crianças brincavam no chão batido. Não fossem a cerca e a porteira, aquilo passaria fácil por pracinha de alguma cidadela rural como tantas pelo interior brasileiro, sem asfalto, rodeada por escola, salão comunitário, conversa ao pé da janela e barracas de madeira e palha a postos para um São João iminente, se fosse o caso. Ali não era. No Quilombo São José da Serra, é

em 13 de maio que se celebra a festa mais importante do calendário anual, a dos Pretos Velhos, entidades cultuadas pelas religiões afro-brasileiras. Bem de acordo com a forma que o quilombo encontrou para sobreviver e se manter ativo e relevante, mais de um século e meio depois de ser criado, em 1850: preservando raízes.

Cerca de 150 pessoas moram em casas de barro com telhado de sapê, todas descendentes dos ex-escravos fundadores da comunidade. Cultivam a terra para consumo próprio (milho, batata, feijão, goiaba, banana e mais). Sobre tudo, mantêm viva a tradição do jongo, ritmo que veio da África ao Brasil com os bantos. Atuam politicamente: líder local, Antonio Fernandes, o Toninho Canecão, chegou a ser eleito vereador no fim dos anos de 1990 na cidade de Valença.

Naquele domingo, havia um assunto urgente a ser discutido pelos moradores: ajustes na festança anual de 13 de maio, que é a principal vitrine da comunidade. Com mais de 3 mil visitantes,

faltou água – “mas não comida”, Toninho Canecão fez questão de destacar –, primeira vez em que a infraestrutura deixou a desejar. Há água encanada e eletricidade, e um salão de informática com Wi-Fi estava previsto para ser instalado até agosto.

O quilombo não é uma atração turística para se chegar em qualquer dia e horário. Visitantes são bem-vindos, mas, fora da festa dos Pretos Velhos, quando a fazenda simples é invadida até por estrangeiros, é de bom tom ligar (24-2457-1130) e combinar um dia para passar por lá. Já sabendo que nem sempre será possível ser recebido, mas que a boa vontade dos moradores é enorme.

Guiada por Sebastião Seabra, moço esguio e sorridente que, aos 21 anos, aparenta 14 ou 15, subi e desci barrancos por trilhas marcadas pela força do uso, vi a pedreira com um jequitibá centenário considerada sagrada pelos moradores, ouvi sobre queimadas recentes que tornaram

mais difícil cultivar as terras por ali. Para terminar a visita, Sebastião parou diante de uma das 30 casas e chamou, lá dentro, seu pai.

Seu Manoel Seabra saiu da salinha deixando atrás de si um televisor ligado no jogo do Flamengo contra o Criciúma. Nem a aparência, nem a voz ao responder “Flamengo, claro” quando questionado sobre o time do coração denunciavam seus 92 anos. É o atual morador mais velho, o que por lá confere o peso da responsabilidade moral. Sorri fácil com dentes muito brancos, o que lhe subtrai mais alguns anos da aparência. Posa para as fotos com elegância, enquanto conta que sim, ainda participa das rodas de jongo e adora um arrasta-pé.

Antes de entrar no carro rumo à RJ-137, a rodovia onde está a placa que indica o quilombo (no km 57), peço a Sebastião para transmitir meu agradecimento a Toninho Canecão. Ele está ocupado no salão, em pleno debate sobre a festa anual. A tradição é prioridade, afinal.